BLANCHE, A HEROÍNA MODERNA DE "UM BONDE CHAMADO DESEJO"[1]

Gizele da Silva Carvalho[2]
Elis Regina Fernandes Alves[3]

RESUMO. Este trabalho tem como objetivo mostrar através da análise da obra "Um bonde chamado Desejo", de Tennessee Williams, o desenho da heroína trágica moderna, Blanche, mostrando que este tipo de herói é diferente do trágico clássico e não se encaixa nesse drama moderno. Através de abordagem teórica, principalmente das considerações de Kothe (1987), foram descritos os conceitos de personagem e herói e as diferenças entre o herói épico, o trágico clássico e o trágico moderno, já que este último falha por conta própria nas decisões que toma tendo por fim um destino com final trágico. A heroína Blanche, protagonista da peça, mostra-se como uma heroína trágica moderna, pois suas próprias decisões erradas é que a levam ao fracasso e a queda.

Palavras-chave: Herói, Personagem, "Um bonde chamado Desejo".

ABSTRACT. This work has as objective to show through the analysis of the work "A Streetcar Named Desire", of Tennessee Williams, the drawing of the modern tragic n, Blanche, showing that this kind of hero is different from the classic tragic hero and he does not fit in this modern drama. Through theoretical approach, mainly of the considerations of Kothe (1987), we described the character and the hero's concepts and the differences among the epic, the tragic classic and the tragic modern heroes, since the last one fails because of his own decisions, having a tragic end. The n Blanche, protagonist of the play, is a tragic modern n, because her own wrong decisions took her to the failure and fall.

Key-words: Hero, Character, "A streetcar named desire."

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no termo "heroi" , nossa mente pode passear por diversos significados, desde o heroi mitológico até o heroi dos quadrinhos ou da TV, ou mesmo "herois" da vida real, como pessoas com feitos notáveis na sociedade, entre outros. Na literatura, a amplidão de sentidos deste termo também pode nos confundir, pois conhecemos os herois épicos, os trágicos e, mais recentemente, o trágico moderno. Neste trabalho o que se busca é a análise de uma heroína moderna em uma peça de teatro. Analisar o heroi trágico moderno em uma obra teatral como "Um bonde chamado desejo" compreende termos a oportunidade de sentirmos os conflitos, problemas ou medo e muito do que pode causar felicidade e horror na vida do

[1] Artigo desenvolvido como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas.
[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas.
[3] Professora orientadora.

homem moderno. Nesta peça, temos como protagonista não um heroi, mas uma heroína, Blanche BuBois e nosso objetivo é analisar essa personagem e suas características.

Percebemos que, na literatura, o heroi vem sendo representado de maneira diversificada, sendo construído de acordo com os valores que representa a sociedade em várias épocas. E, para entendermos nossa heroína moderna, precisamos avaliar os conceitos destes vários tipos de herois, fazendo uma retrospectiva sobre os mesmos. Assim, para alcançar o objetivo de considerar Blanche DuBois como uma heroína trágica moderna, analisaremos primeiro as definições de personagem e depois de herois, para depois entendermos as atitudes desta heroína, seus feitos, seus erros, suas quedas, seus desejos.

Este trabalho tem caráter bibliográfico qualitativo em que serão abordados os conceitos de personagem e heroi com base em Kothe (1987), Aguiar e Silva (1982), Candido (1972), entre outros, e, após, serão selecionados trechos para elucidar nossa heroína como heroína trágica moderna.

2. A PERSONAGEM

As personagens em geral são os componentes que constituem uma história, que vivem dramas, situações dentro de uma narrativa como se fossem pessoas reais. As personagens vivem muitos conflitos que desenrolam ações que podem ter ou não um final feliz. Segundo Antonio Candido (1972) “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo.” (p.53). Cria-se um enredo para que personagens vivam os acontecimentos que movem essa história, as personagens dão vida ao enredo quando postos em ação.

Segundo Aguiar e Silva (1982), as personagens podem ser protagonistas ou antagonistas. O protagonista lista as ações, sustenta o enredo. Já o antagonista existe para opor-se ao protagonista, criando tensões durante a narrativa. Um exemplo bem marcante de protagonista é Jay Gatsby de “O grande Gatsby” (1925), de F. Scott Fitzgerald, que é a personagem principal, em torno do qual se constrói toda a trama. Como antagonista podemos citar Roger Chillingworth da obra “A letra escarlate”, (1850), de Nathaniel Hawthorne, que em, todo o tempo, se opõe à protagonista Hester Prynne da mesma obra.

Em relação à complexidade da personagem, podemos ainda classificá-los em planas ou redondas, independentes dos papéis que desempenham no enredo. “Servem para caracterizar personagens de traços simples e permanentes ou personagens que se modificam

ao longo da narrativa, surpreendendo por sua complexidade". (KOTHE, 1987, p.5) As personagens planas são imutáveis, ou seja, não causam surpresa no leitor desde o começo até o fim da narrativa, como é o caso de Frei Lawrence, da peça "Romeu e Julieta", de Shakespeare, homem bondoso que previsivelmente ajuda a Romeu e Julieta em todo o caso amoroso proibido. Já as personagens redondas se expõem por inúmeras características, que causam nos leitores expectativas, curiosidades, surpresas. Assim é a personagem Isabel Archer de "Retrato de uma Senhora" (1881), de Henry James, esta se contradiz, surpreende desde o início até o fim da narrativa "de uma maneira convincente". (CANDIDO 1972, p. 63)

Existem tipos variados de personagens, vivendo emoções, acertando, cometendo erros e, muitas vezes durante a leitura, é possível que nos identifiquemos com algumas características de alguns personagens por serem diversificados e simularem pessoas reais, como já o disse Candido (1972). Justamente por simularem o real é que o leitor, muitas vezes, se envolve com as personagens, sendo levado a imaginar que estes são pessoas vivendo situações e conflitos idênticos aos seus.

O leitor é levado a pensar de diversas maneiras de acordo como o autor descreve e define cada personagem, pois "o personagem é um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza" (CANDIDO, 1972, p. 59). Ainda, segundo Cândido, "A personagem é mais lógica embora não mais simples do que o ser vivo." (CANDIDO, 1972, P.59).

O autor, de certa forma, é quem define a trajetória da personagem se comparada com o máximo de traços do ser humano; no entanto, não deixa de ser complexo, pois apesar de limitado possui semelhanças com a complexidade da vida real. Além da personagem do romance, temos as personagens do teatro. Segundo Prado (1972, p. 83-4) "[...] no romance, a personagem é um elemento entre vários outros, ainda que seja o principal. [...] No teatro, ao contrário, as personagens constituem praticamente a totalidade da obra: nada existe a não ser através delas."

Sabe-se que as personagens dão vida ao enredo e, através do enredo, o leitor se emociona, chora se envolve conforme o teor da história e acontecimentos que podem ser comparados à vida real de cada leitor, ou expectador, já que estamos falando também do teatro. Porém, neste último caso, a personagem se torna algo mais forte, mais real por ter contato direto entre ator e expectador. "Tanto o romance quanto o teatro falam do homem-mas o teatro o faz através do próprio homem, da presença viva e carnal do ator." (PRADO, 1972, p. 84)

A personagem teatral dispensa o narrador, dirige-se ao público diretamente, tornando a história mais presente, mais emocionante e porque não, mais real, participando de um tipo de ficção que, ao público, "[...] lhes entra pelos olhos e pelos ouvidos" (PRADO,1972, p. 85). Enfim a personagem teatral, para Prado, pode ser considerado significativamente mais persuasivo por ser mais presente, por ter o contato direto com seu admirador, expectador, o que faz com que haja um envolvimento maior entre leitor/expectador e obra. A personagem de teatro é em si mais complexo por obter uma responsabilidade maior em envolver o público, tocar sentimentos, despertar emoções, como vemos:

> Não importa, por exemplo, que o ator sinta dentro de si, viva, a paixão que lhe cabe interpretar; é preciso que a interprete de fato, isto é, que a exteriorize, pelas inflexões, por um certo timbre de voz, pela maneira de andar, pela expressão corporal etc. Do mesmo modo, o autor tem de exibir a personagem ao público, transformando em atos os seus estados de espírito.(PRADO,1972, P. 92)

Percebe-se a grande responsabilidade de uma personagem de teatro, ele precisa interpretar o que lhe é cabido de forma real, impressionante, é preciso que o leitor vá além do superficial daquilo que se pode perceber em uma personagem. Ainda segundo Prado (1972, p. 92) "Alguns teóricos chegam inclusive a definir o teatro como a arte do conflito [...]."

São dadas algumas classificações à personagem e dentre elas, a de heroi ou anti-heroi, que, de acordo com sua função, pode ser identificada facilmente da narrativa, o primeiro assumindo o papel de protagonista. Neste trabalho, daremos ênfase ao heroi, portanto, vejamos de que maneira podemos classificá-lo.

1. O HEROI

Quando pensamos em herói, nos vem, comumente, à mente a idéia de que o heroi é aquele que tem o mínimo de falhas, sempre está precavido do mal que pode por ventura lhe acontecer ou, mesmo tendo algumas falhas, o destino lhe é favorável, permitindo um final vitorioso, e de certa forma, isso nos leva a pensar nos famosos super herois de quadrinhos exibidos pela indústria cultural.

> Temos muito a aprender sobre nós mesmos analisando a Indústria Cultural, pois nela se encontra a mitologia de nosso tempo, nos seus altos e baixos.

> Exatamente por isso, o heroi (que tem um caráter de sedução inegável) é uma referência constante nessa indústria, como se o heroi original retornasse em novas bases. (FEIJÓ, 1984, p. 87)

Podemos perceber que o heroi continua muito importante e mesmo com algumas adaptações feitas pelas indústrias ele continua sendo a peça principal da história chamando a atenção do expectador.

Primeiro, vejamos os herois "alto" e "baixo", na definição de Kothe, que em sua classificação do heroi, o compara como "alto" e "baixo" da divisão dentro da sociedade, dando-nos a entender, de maneira metafórica, que, assim como um indivíduo é considerado alto ou baixa em uma sociedade na posição social que ele exerce dentro dela, assim também é o heroi dentro de uma narrativa. As ações que permeiam seu comportamento o classificarão dando sua importância dentro da obra e do mesmo modo que a sociedade, eles operacionalizam-se e entrecruzam-se entre si:

> O alto e o baixo da sociedade se operacionalizam e se entrecruzam de vários modos na literatura. Tendem a ecoar a natureza fazendo o alto aparecer como elevado e mostrando o baixo como inferior, mas isso corresponde à própria possibilidade de a classe dominante dominar ideologicamente a sociedade. (KOTHE, 1987, p.6)

Pode-se perceber que a sociedade classifica o ser humano como importante ou não devido seu papel dentro do grupo social em que se enquadra, e é julgado pela contribuição que desenvolve no sistema capitalista. Pode-se perceber esse modelo de divisão também dentro da literatura em que as personagens podem ser classificadas em tipo elevado (heroi trágico ou épico) e o de tipo baixo (pícaro).

Nas obras clássicas, o heroi era classificado como "alto" ou "baixo" dependendo da classe à qual pertencia dentro da sociedade e, geralmente, pertencia à classe alta, o que o diferenciava das outras personagens, como é o exemplo de "Édipo rei". Nas tragédias modernas, isso não acontece mais, pois o heroi deste tempo não precisa ser necessariamente da alta sociedade. Para Tomachevski, tem-se o seguinte:

> O personagem que recebe a carga emocional mais viva e acentuada chama-se heroi. O heroi é o personagem seguido pelo leitor com a maior atenção.

> Provoca compaixão, a simpatia, a alegria, e a tristeza do leitor. (1973, p. 195)

Na teoria literária, modernamente uma personagem para ser heroi não precisa pertencer à classe alta, como era o critério dos herois clássicos, depende somente da capacidade de chamar a atenção do leitor e despertar emoções, daí ser classificado como tal. Atualmente, a posição social não impede o heroi moderno de ser a personagem mais admirado e apreciado, tornando-se o motivo de maior atenção.

E, para provocar a reação citada acima, o heroi precisa seguir de maneira sábia as instruções de seu autor:

> É preciso ler de uma maneira inocente as direções de seu autor. Quanto maior for o talento deste, mais difícil é opor-se às suas diretivas emocionais e mais convincentes é a obra. Esta força de persuasão, sendo um meio de instrução e predicação é a fonte de nossa atração pela obra. (TOMACHEVSKI, 1973, p.195)

Ao heroi é dada a função para despertar a atenção máxima do leitor e, para isso, é preciso haver um diferencial em relação à carga emocional no heroi. Como vimos, a força de persuasão do heroi é a fonte de atração, o que o classifica como heroi, no entanto, o que é importante salientar, é que o heroi deve despertar a atenção e interesse do leitor de maneira profunda, levando-o a se coligar ou rejeitar as características deste personagem. Segundo Tadié: “O heroi principal possui colorido emocional mais forte, fato que faz o leitor acompanhá-lo com maior atenção.” (1992, p. 25)

É possível identificar vários tipos de herois dentro da literatura, porém neste trabalho iremos nos ater somente a alguns deles, o heroi trágico clássico, o heroi épico e o heroi trágico moderno, de acordo com suas particularidades.

Os herois clássicos diz Kothe: “[...] são herois da classe alta, que procuram demonstrar a classe dessa “classe”." (1987,p.12). O heroi trágico e o heroi épico se adaptam no grupo dos herois clássicos, sendo vistos como “gêneros maiores”, contudo existem diferenças entre os mesmos. O heroi épico constrói seu percurso de glória através de uma série de “baixezas”. Ainda que passe por várias dificuldades lhe é permitido mentir, matar, entre outras para tornar-se valoroso. “[...] O heroi épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais

pelo elevado [...].” (KOTHE, 1987, p. 12). E ainda segundo Kothe as “baixezas” desse heroi é que o elevam.

Já o heroi trágico perde a altivez ao praticar tais atos, o que implica seu fim trágico, porém, essa perda de prestígio o torna elevado. Esse tipo de heroi passa por vários percalços até chegar à sua glória, no entanto, ele precisa manter a aparência e não aceita situação na qual se encontra:

> O clássico heroi trágico nunca é um membro do povo ou da camada média. [...] ele geralmente está no topo do poder. [...] Parece pertencer por direito natural ao plano elevado [...] Ele descobre a mão-de-ferro do poder, do destino, da história: descobre que o seu agir foi errado; descobre que não devia ter feito tudo o que fez; descobre que é o mais fraco na correlação de forças, embora aparente ser o mais forte, ou ainda que tenha acreditado que tenha sido o mais forte. [...] (KOTHE, 1987, p. 26)

O heroi clássico tinha um elo com as forças divinas, entretanto, o heroi trágico moderno obtém outra dimensão. Esse heroi fracassa por suas próprias ações, perde-se em suas ilusões, o que o leva a se desconhecer, suas escolhas o levam a uma posição de vítima, não dos outros, mas de si mesmo, de suas próprias escolhas. Kothe:

> O percurso do heroi moderno é a reversão do percurso do heroi antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade, o heroi passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e classe baixa (1987, p.65).

A respeito do heroi moderno, afirma Robbe-Grillet: “Aqui já não se propagam as ideologias enganadoras e os mitos. A literatura expõe simplesmente a situação do homem e do universo com o qual está em contacto”. (1965, p.44). Temos neste personagem o retrato do homem moderno que trabalha, apaixona-se, ilude-se e depois de tanto esforço não consegue alcançar seu objetivo, sendo rejeitado pelo sistema que separa ricos e pobres. Um exemplo bem claro é Willy Loman em “A morte do caixeiro-viajante” , de Arthur Miller, 1949, que é descartado pela sociedade por não poder mais contribuir com o sistema capitalista.

Pode-se perceber a diferença existente entre o heroi trágico clássico e o heroi trágico moderno, pois o heroi das tragédias clássicas fracassa, passa por várias dificuldades, porém depois descobre que seu destino já estava predestinado e mesmo que quisesse não poderia

mudar. O mesmo não acontece com o heroi moderno em que seu fim está atrelado às suas escolhas, todos os seus fracassos são resultados daquilo que foi escolhido somente por ele.

O heroi moderno enfrenta uma constante luta interior gerada por seus conflitos internos. Esse personagem não tem o amparo dos deuses como o heroi clássico, ele sente-se culpado por seus deslizes e fracassos, e na verdade o é. “Aí o homem só pode recorrer a si mesmo, não tem outro apoio a não ser suas próprias forças e é assim que ele leva o efeito uma operação de autocriação”. (FEHER, 1972, p.22).

Este tipo de heroi sente-se perdido de seu mundo por não se encaixar no grupo social que gostaria, e isso faz com que ele sinta vergonha, medo, insegurança, o que o torna problemático. Esse personagem falha em suas decisões, o fato de não conseguir resolver seus próprios problemas familiares, financeiros, entre outros, o deixa em um estado de culpa permanente. “O homem do romance não sabe mais o que fazer com as instituições de seu mundo [...]”. (FEHER, 1972, p.29).

Esse tipo de heroi traça uma luta árdua consigo e com as imposições sociais que precisa enfrentar. O desejo de crescer e alcançar uma posição “digna” dentro da sociedade envolve também as pessoas de seu convívio, sua família e amigos. A vida fracassada deste tipo de heroi é fruto de suas próprias escolhas e isso faz com que ele se frustre cada vez mais até chegar a sua queda definitiva.

Ele vê sua vitória cada vez mais distante, pois não encontra solução para seus problemas. As escolhas feitas durante sua vida inteira direcionam-se para o fracasso, pois todas elas foram motivos de seus fracassos. Então, o sentimento de culpa se torna cada vez maior, se suas decisões fossem diferentes tudo seria melhor e, no lugar de uma vida fracassada, teria uma vida de sucesso. O sentimento de derrota o atormenta. No entanto, jamais aceita que é um derrotado, não querendo, ou, de fato, desconhecendo a si mesmo. “[...] Porque este tem a ver com esferas de nós mesmos que, na maioria dos casos, ainda desconhecemos." (FEIJÓ, 1984, p.99).

4. O AUTOR E SUA OBRA

“Um bonde chamado desejo”, publicada em 1947, é uma peça de teatro escrita por Tennessee Williams, nascido no sul dos Estados unidos, em 1914. Teve uma infância difícil, marcada pelo pai autoritário. Começou a publicar nos anos 20. Várias de suas obras foram

adaptadas para o cinema e é considerado um dos grandes dramaturgos americanos deste século. (HIGH, 2002).

A obra “Um bonde chamado desejo” é a representação de uma sociedade decadente, personificada por Blanche DuBois, a heroína da história, uma mulher bela e delicada que volta para casa da irmã por não ter para onde ir depois que perde seus pais e a propriedade onde viviam. Blanche é sensível e sofre na casa da irmã com a brutalidade do cunhado Stanley Kowalski que a deseja e, ao mesmo, tempo a maltrata. Ela vive um conflito constituído entre sua delicadeza e selvageria de seu cunhado que a leva à loucura, sem espaço para a compreensão de seu mundo, sua sensibilidade, muito menos para o amor.

Ao chegar à casa da irmã, trazida pelo bonde chamado desejo, Blanche sente-se deslocada pelas condições do local onde a irmã vivia com o marido. Têm que dividir o banheiro com os dois, dormir em uma cama de armar na cozinha e a falta de privacidade vai mais longe, pois até mesmo o que os vizinhos dizem ou fazem pode ser ouvido da casa onde sua irmã, Stella, mora com o marido, Stanley, em Nova Orleans.

Blanche casara-se aos 16 anos, mas a descoberta do homossexualismo do marido o levara ao suicídio. Após, retorna para a casa dos pais em Laurel. Com a morte deles, o endividamento, e a perda da propriedade da família, Belle Reve, Blanche prostitui-se. Torna-se professora de inglês, mas acaba por envolver-se com um aluno de 17 anos e é expulsa da escola. Sem ter para onde ir, recorre à irmã, Stella.

A personagem mostra-se sempre nervosa, quase descontrolada, bebendo muito, e Stella tenta cuidar da irmã, mas o marido, Stanley, não se conforma com a perda da propriedade e atormenta Blanche com perguntas e o convívio de ambos é marcado por tensões, discussões e acusações. Com o tempo, Blanche envolve-se emocionalmente com Mitch, amigo de Stanley. Mas Stanley descobre sobre o passado dela e conta a Mitch, que rompe com Blanche, que fica mais e mais nervosa com a perda de um amor sincero como o de Mitch, o que ela sempre buscara na vida. Por fim, a convivência com Stanley fica insustentável e, confrontando-a com seu passado, Stanley estupra-a, levando-a a perda da razão. Por fim, Blanche é internada em um manicômio.

2. A HEROÍNA MODERNA BLANCHE NA OBRA “UM BONDE CHAMADO DESEJO”

A obra “Um bonde chamado desejo” mostra a queda de sua heroína e as falhas que determinam sua queda, pois tudo depende de suas escolhas, estas, na maioria das vezes, são erradas; essa heroína falha durante toda sua vida, como confirmaremos a seguir.

A primeira falha de Blanche é quando se casa muito jovem, tinha dezesseis anos quando se casou. Ela mesma diz que era uma garotinha quando descobriu o amor e seu noivo também era muito jovem. A partir daí, Blanche começa a se lamentar, pois além de se casar muito cedo, de certa forma, errou na escolha do noivo, como vemos:

> Blanche- Era um rapazinho, um menino ainda, quando eu era uma garotinha. Quando eu tinha dezesseis anos, fiz a grande descoberta... o amor. De repente, como um raio, e de um modo muito, muito completo, inteiro. Foi assim como acender um holofote em cima de alguma coisa que sempre esteve na sombra; foi assim que o amor atingiu o meu mundo de um golpe só.(WILLIAMS, 2010, p. 102)

Blanche foge para se casar, na certeza de que seria muito feliz, pois estava completamente apaixonada; no entanto, sua idéia de felicidade estava longe de ser verdadeira, seu grande amor escondia algo que até antes de casar ela não havia percebido. O rapaz com quem havia se casado era homossexual e a maneira como descobriu a chocou muito:

> Blanche- Então eu descobri. Da pior maneira possível entrando de repente num quarto em que eu pensei que estivesse vazio ...mas que não estava vazio. Tinha duas pessoas ali... o rapaz que era meu marido e um homem mais velho, amigo dele de muito tempo...(WILLIAMS, 2010, P. 103)

A princípio, Blanche tenta agir naturalmente como se não soubesse de nada, pois revelar a verdade significaria o fim de seu casamento ou a aceitação mútua do segredo: “Blanche- Depois daquilo, nós fingimos que nada tinha acontecido. Sim, nós três fomos de carro até o Cassino Moon Lake, muito bêbados, rindo sem parar.” (WILLIAMS, 2010, p.103). No entanto, nossa heroína comete uma segunda falha que contribui cada vez mais para sua infelicidade. Na pista de dança, Blanche conta a seu marido que sabe de seu segredo e ainda lhe confessa que sente nojo dele, como vemos:

> Blanche - E foi por que... na pista de dança... incapaz de calar a boca... eu disse de repente... “Eu vi! Eu sei! Você me dá nojo... Então o holofote que se tinha acendido para iluminar o mundo nunca mais, desde aquele dia, em

> momento algum, houve outra luz que fosse mais forte que essa... ali na cozinha... vela..."
> [...]
> Blanche- Dançamos a polca varsoviana! De repente, no meio da dança, o rapaz com quem eu tinha casado me largou ali, no meio do salão, e correu para fora do cassino. Uns instantes depois... um tiro! [...] Então alguém segurou o meu braço. "Não chegue mais perto! Dê a volta! Você não vai querer ver!" Ver? Mas ver o quê? Então ouvi vozes dizendo... Allan! Allan! O menino da família Grey! Ele tinha enfiado o revolver dentro da boca e tinha apertado o gatilho... e a parte de traz da cabeça dele tinha... voado longe! (WILLIAMS, 2010, p. 104)

Essa descoberta custou muito caro à nossa protagonista, pois foi por esse motivo que seu marido suicidou-se. Então, Blanche fica com sentimento de culpa, pois se não tivesse contado nada, tudo seria diferente. Além do sentimento de culpa, ela também vê o fim de seu casamento, pois seu marido estava morto e ela agora se tornara viúva. Blanche agora está sem alguém para ampará-la, e estar casada era muito importante para que se sentisse amparada. Notamos que nossa heroína acaba por perder o homem que amava, levada pelo impulso de contar a verdade sobre seu homossexualismo. A grande falha desta mulher foi não ter sabido como e quando agir. Talvez, levando em consideração as condições sociais de sua família (que já estava falida) e as questões sociais da época, manter-se casada fosse menos prejudicial.

Além de perder o marido, Blanche não consegue evitar a perda da fazenda que herdara de seus pais. Com tantos gastos nos velórios e dívidas deixadas pelos pais, ela teve que abrir mão do único bem que sobrara de herança de sua família. Numa conversa com sua irmã Stella, Blanche afirma:

> Blanche – Nós perdemos... perdemos...
> Stella – *Belle Reve*? Nós perdemos *Belle Reve*, é isso? Não!
> Blanche – Sim, Stella. [...]
> Blanche – Eu, eu levei os golpes na minha cara e no meu corpo! Todas aquelas mortes! O desfile que não tem mais fim até o cemitério! O pai, a mãe! Margaret, daquela maneira horrível! Tão inchada com aquilo que não cabia no caixão! E teve de ser queimada como lixo! (WILLIAMS, 2010, p. 29, 30)

Pode-se perceber que Blanche não aceita a culpa de ter perdido a fazenda e reluta em assumir isto. A perda da propriedade familiar é algo que não fica claro ao leitor/expectador

desta peça de teatro. Acha que a irmã foi covarde em sair de casa antes da morte dos pais, confessa à Stella que tudo que passou com a doença dos pais até suas mortes foi muito doloroso e, de maneira nenhuma, quer carregar a culpa, pois os motivos pelos quais a propriedade escapou de suas mãos eram bastante plausíveis para ela, como se observa na citação abaixo:

> Blanche-[...] Como você pensa que se pagou tanta doença e tanta morte? Morrer custa caro dona Stella! E o enterro da velha prima Jessie foi logo depois do da Margaret, do enterro dela! [...] Qual deles nos deixou um centavo que fosse de seguro de vida? Só a pobre Jessie... cem dólares para cobrir os gastos com ataúde. Isso foi tudo Stella e eu com esse salário mirrado de professora. Sim pode me acusar! Fique aí sentada e olhe pra mim, pensando que eu perdi *Belle Reve*! Eu perdi *Belle Reve*? Onde é que você estava? (WILLIAMS, 2010, p. 30,31)

Nota-se, no trecho acima, que Blanche insiste com firmeza que não teve culpa em perder a propriedade, pois, de maneira nenhuma, aceita a culpa de falência e dos demais fracassos. Com tantas perdas, incluindo a morte de seu marido, Blanche encontra-se em estado de total decadência. Desde que se casou, tão nova, ela sofre com seus erros, não perde o contato com sua família durante o casamento e depois que o marido morre subtende-se que ela volta para morar na casa dos pais e permanece lá até a total perda da fazenda. Vejamos:

> Blanche: [...] ...você foi embora! Eu fiquei e lutei! Você veio pra cá para New Orleans e tratou de sua vida e cuidou de si! Eu fiquei em *Belle Reve* tentei preservar tudo! Não estou falando isso com tom de censura, mas *toda* a trabalheira ficou sobre os *meus* ombros.[...] Eu fiquei e lutei por ela, sangrei por ela, quase morri por ela! (WILLIAMS, 2010, p. 29)

Embora a perda da propriedade da família não pareça ter sido culpa de Blanche, já que o enredo não nos revela tudo, a protagonista não quisera sair da casa paterna, como fizera Stella, sua irmã, com medo de perder o status social que *Belle Reve* proporcionava. Isso se percebe quando Blanche sente repulsa pela casa pequenina e pobre onde Stella fora viver quando saíra da casa familiar e fora morar com Stanley, como veremos adiante.

A partir desses acontecimentos Blanche, começa a entrar em desespero por não poder manter sua vida aristocrática e acaba por cometer mais erros, tentando disfarçar sua decadência. Ela trabalha como professora, mas tem um baixo salário quando o compara à vida

que tivera no passado: “Blanche- [...] E eu, com o meu mirrado salário de professora. [...]” (WILLIAMS, 2010, p. 31) Sua próxima falha acontece quando ainda em sua casa, perto da falência, Blanche inicia uma vida de prostituição com alguns soldados recrutas que fazem treinamento próximo à fazenda, como se observa no trecho abaixo:

> Blanche- [...] Não muito longe dali, de *Belle Reve*, tinha um acampamento militar onde davam treinamento para os soldados novos. Nos sábados à noite, eles iam para a cidade para beber, para encher a cara...
> [...]
> Blanche- ...e, no caminho de volta, eles entravam trocando perna no meu gramado e chamavam: “Blanche! Blanche!” ... A velinha surda, a única que sobrou viva, nunca desconfiou de nada. Mas às vezes eu saía de mansinho até lá fora, para responder aos chamados deles... [...] (WILLIAMS, 2010, p. 131)

Ela começa a se prostituir quando ainda morava em sua fazenda *Belle Reve*. Depois da perda total da propriedade, Blanche se muda para um hotel chamado Flamingo, onde continua a vida de prostituição. Porém, nossa heroína esconde isso de sua irmã e de seu cunhado, até que ele descobre e revela a verdade:

> Stanley- Isso foi depois que a casa de vocês escorregou por aqueles dedinhos de flor. Ela se mudou para o flamingo! Um hotelzinho de quinta categoria, que tem a vantagem de não interferir na vida social particular das personalidades que ficam ali. O Flamingo é usado para todo tipo de negócio. Mas até mesmo a administração do Flamingo ficou impressionada com *lady* Blanche que pediram que ela se retirasse do hotel... em caráter permanente. [...] (WILLIAMS, 2010, p. 107)

Blanche continua se prostituindo no Flamingo até ser expulsa pelos proprietários. Contudo, Blanche em todo tempo tenta camuflar sua situação, ela constrói um mundo artificial em que não cabe sua realidade e, para isso, mente para si mesma e para todos a seu redor, inclusive para Stella. Em sua chegada à casa da irmã, ela mente sobre sua saída da escola, ao mesmo tempo em que mente sobre o vício em bebida alcoólica:

> Blanche- Você imaginou que tinham me demitido?
> Stella- Não, eu... pensei que talvez você tivesse...pedido demissão.
> Blanche- Eu estava tão cansada com tudo o que passei que os meus... nervos não agüentaram. [*amassando o cigarro com gestos nervosos:*] Fiquei a beira da ... loucura, quase! Então o senhor Sr. Graves... o Sr. Graves é o diretor da

> escola... ele sugeriu que eu tirasse uma licença-saúde. Eu não podia escrever esses detalhes todos no telegrama... [*Bebe rápido.]* Ahhh, isto aqui entra em mim e me atravessa, zunindo, de uma vez só, o corpo todo, e faz eu me sentir *tão bem!*
> Stella- Quer mais um?
> Blanche- Não, um é meu limite.(WILLIAMS, 2010, p. 24)

Essa não aceitação de Blanche sobre sua própria situação mostra mais uma falha de nossa heroína, pois, na verdade, ela havia se envolvido com um aluno de dezessete anos na escola onde lecionava, o que ela só confessa à irmã muito depois de ter chegado à sua casa. O pai do rapaz descobre e comunica à direção da escola e ela é convidada a se retirar da cidade, como notamos:

> Blanche- Depois da morte do Allan... ter intimidades com estranhos parece que foi a única coisa capaz de preencher o meu coração vazio [...] o que me levava de um para o outro, eu sempre à caça de proteção... aqui e ali na maioria deles... em lugares improváveis... até mesmo, por último num rapaz de dezessete anos, mas alguém escreveu para o diretor da escola sobre isso...[...] Então eu vim para cá. [...] (WILLIAMS, 2010, p. 129)

Todos esses acontecimentos trazem escândalos na vida de nossa heroína, sua reputação fica totalmente destruída e ela fica sem rumo, e a ultima opção que lhe resta é procurar sua irmã com quem ela vai viver vários conflitos, pois não consegue aceitar os acontecimentos cruéis que se seguem em sua vida e grande parte deles são causados por ela mesma, pois desde sua chegada à casa da irmã, Blanche reluta em aceitar o lugar onde vive sua irmã:

> Blanche- Isso aqui é Campos Elísios?
> [...]
> Blanche- Acho que elas não... entenderam... que número eu queria...
> Eunice- Que número que tá procurando?
> Blanche- Seiscentos e trinta e dois.
> Eunice- Pode parar de procurar.
> Blanche- Estou procurando minha irmã Stella DuBois. Quer dizer a senhorita Stanley Kowalski.
> Eunice- É aqui mesmo. Mas ela acabou de sair.
> Blanche- Esta aqui... Será possível que esta aqui é a casa dela?

Podemos perceber o desprezo de Blanche pelo lugar onde sua irmã mora. Blanche não têm mais para onde ir a não ser a casa da irmã, e diante desta situação talvez o melhor fosse começar uma nova vida, no entanto, acaba cometendo mais erros e despreza o apartamento de Stella chamando-o de horroroso: “Blanche- [...] Nunca pensei que você fosse voltar para este lugar horroroso! [...]” (WILLIAMS, 2010, p. 22). Nossa heroína não se enquadra neste novo mundo que lhe cerca, é desajustada. Por isso mesmo, renega-o e vive em um mundo de ilusões, criando suas próprias verdades.

Nossa heroína comete muitos erros ao chegar à casa da irmã, um deles é manter-se no alcoolismo como forma de não encarar a realidade à sua volta. Logo que é recebida por Stella, Blanche não se controla e sua primeira procura é por uma bebida: “Blanche- [...] eu sei que você deve ter alguma bebida por aqui! Onde poderia estar, pergunto eu. Ah enxerguei, enxerguei!” (WILLIAMS, 2010, p. 22). Fugindo de uma realidade que ela considera assustadora, decadente e feia, Blanche mente o tempo todo. Mente sobre seu passado, sobre seu vício alcoólico e sua vida é completamente ilusória:

> Stella- Não sei o que temos em casa para misturar na bebida. Talvez tenha uma coca na geladeira. Dê uma olhada querida enquanto eu...
> Blanche- Água sem gás, coração, só para diluir um pouquinho! Agora não vá se preocupar, você não tem uma irmã com problemas de bebida, ela só está muito agitada e com calor e cansada e precisando de um banho! (WILLIAMS, 2010, p. 23).

Blanche se defende antes mesmo que sua irmã pergunte sobre seu envolvimento com a bebida. Isso porque ela sabe que é viciada, porém ilude-se. Mente para manter a aparência de boa moça, fina e de boa reputação. Novamente, nós a vemos como uma heroína desajustada, problemática, que sofre as consequências de suas próprias escolhas. Nossa protagonista também falha quando não aceita o marido da irmã, um “polaco”, mas, ao mesmo tempo sente atração por ele. No início o despreza e tenta ridicularizá-lo, podemos perceber isso na fala de Blanche quando Stanley pega suas cartas: “– Agora que você tocou as cartas, vou ter de queimar todas” (WILLIAMS, 2010, p.46). No entanto, no decorrer da trama, percebemos que Blanche sente desejo por seu cunhado e quando tem oportunidade insinua-se para ele:

> Blanche- Vou pedir que faça um favor daqui a pouquinho.
> Stanley- Nem imagino o que pode ser.

> Blanche- Fechar uns botões nas costas do vestido. Você pode entrar. [*ele passa pelos reposteiros com o olhar inflamado.*] Como é que estou?
> Stanley- Tá bem.
> Blanche- Muito obrigada. Agora os botões.
> Stanley- não consigo fazer nada com eles.
> Blanche- Vocês homens com seus dedos grandes e desajeitados. Posso dar uma tragada no seu cigarro? (WILLIAMS, 2010, P. 42)

Vemos nessa passagem o modo como Blanche insinua-se para o marido de sua irmã e percebe-se que há uma forte atração entre eles, embora os dois tentem omitir. Há bastantes sugestões que causam suspeitas quanto ao comportamento de Blanche e Stanley, como vemos:

> Blanche- Ah, na minha juventude eu chamava atenção, e tive muitos admiradores. Mas olhe pra mim agora! [*sorri pra ele radiante.*] Você consegue imaginar que já houve um dia em que eu fui considerada... atraente?
> Stanley- Você me parece ok. (WILLIAMS, 2010, p. 43)

O que parece é que Blanche não consegue deixar de se sentir atraída por Stanley, mesmo ele sendo um homem totalmente avesso a seus conceitos. A maneira como ele age com Stella, sua esposa, causa revolta em Blanche.

> Stella- Bêbado... bêbado... um animal, é isso que você é*!*[*corre até a mesa de pôquer:*] Vocês todos... por favor, vão para casa! Se algum de vocês tem o mínimo de decência...
> Blanche- [*num grito desesperado*] – Stella, cuidado ele vai...
> [*Stanley sai correndo atrás de Stella.]*
> [...]
> Stella- você baixa a mão em mim, e eu vou...
> [*Ela recua até ficar fora de vista. Ele avança na direção dela e desaparece também. Ouve-se o som de uma pancada. Stella grita. Blanche berra e corre até a cozinha. Os homens se apressam em acudir, acontece uma luta corpo a corpo, e há palavrões. Algum móvel é derrubado com estrondo.*]
> Blanche [*esganiçada*] – Minha irmã está esperando um neném!
> Mitch – Isso é terrível.
> Blanche – Loucura, total insanidade!
> (WILLIAMS, 2010, p. 62)

Como vemos na citação acima, Stanley se torna um homem violento quando bebe e isso deixa Blanche muito revoltada, enojada. Depois da briga, Blanche leva a irmã para o

andar de cima, para a casa da vizinha Eunice, na tentativa de fazer com que a irmã deixe aquele homem bruto e que, a seu ver, não combina com sua irmã:

> Blanche- Eu quero as roupas da minha irmã, Nós vamos para o apartamento daquela mulher lá de cima.
> Mitch- Onde estão as roupas?
> Blanche- [*abrindo o closet*] – Peguei as roupas! [*corre até onde está Stella.*] Stella, Stella, mimosa! Querida maninha querida, não tenha medo!
> [*Segurando Stella num braço, Blanche a conduz para a porta da frente e para o andar de cima.*] (WILLIAMS, 2010, p. 63)

Stanley bate em Stella mesmo ela estando grávida e isso é absurdo para Blanche. Porém, com a insistência de Stanley, Stella acaba por voltar para casa e dorme com ele. Blanche não quer acreditar que isso aconteceu e, no outro dia, conversa com a irmã e fica muito surpresa com a reação dela diante da situação, pois ela considera tudo normal e diz que Blanche está exagerando em se preocupar, como vemos a seguir:

> Blanche- Por quê? Fiquei doida de preocupação, Stella! Quando descobri que você tinha sido insana o suficiente para voltar para cá depois do que aconteceu... eu quase que entrei correndo aqui atrás de você!
> Stella- Ainda bem que não entrou.
> [...]
> Stella- Por favor, Blanche, sente-se e pare de gritar.
> Blanche- [...] Como você pode voltar pra cá ontem? Ora, você deve ter dormido com ele!
> [*Stella levanta-se com toda calma, sem pressa nenhuma.*]
> Stella- Blanche eu tinha me esquecido de como você fica impressionada com tudo com tanta facilidade. Você está fazendo uma tempestade num copo d'água. (WILLIAMS, 2010, p. 69)

Embora Blanche se esforce em mostrar para a irmã que seu marido não serve para ela, não obtém sucesso, pois Stella já está acostumada com aquela vida, e Blanche, mulher sem emprego, sem posses e sem marido para sustentá-la, deveria fazer o mesmo, aos olhos da irmã, e não consegue. É a típica heroína problemática, que vive num mundo problemático para si. Nossa heroína erra diante das novas circunstâncias de sua vida, mente desde que chega à casa da irmã. Mente a idade, não aceita a pobreza, finge que será recebida por amigos ricos em outra cidade, ilude-se totalmente e quando encontra um pretendente, Mitch, amigo de Stanley, não conta a verdade sobre seu passado a ele. Como vingança por ser tratado como

inferior, Stanley descobre tudo sobre sua história, conta para Mitch, que não aceita mais se casar com ela, como vemos a seguir:

> Blanche- O que você quer?
> Mitch- [*desengonçado tentando abraçá-la*] – O que eu estive perdendo o verão todo.
> Blanche – Então case comigo, Mitch!
> Mitch- [*soltando as mãos da cintura dela*] – Você não é limpa que chegue para eu botar dentro de casa com a minha mãe. (WILLIAMS, 2010, p. 132)

Nesta citação vemos que a protagonista não conseguirá mais se casar e deixa escapar de suas mãos a oportunidade de mudar sua vida por causa de suas mentiras que lhe sufocam cada vez mais. O casamento com Mitch, um rapaz trabalhador e que a respeitava, representaria para Blanche um apoio, o início de uma vida familiar, uma nova oportunidade em uma sociedade em que as mulheres, em sua maioria, não podiam suprir suas próprias necessidades financeiras por falta de oportunidades. Um de seus erros também foi ter provocado Stanley, seduzindo-o e, ao final, quando Stella vai ter o bebê, Stanley sucumbe ao desejo e tem relações sexuais com sua cunhada:

> Stanley- [...] Tigre! Tigre! Larga esse gargalo! Larga! A gente tinha esse encontro marcado desde o início!
> [*Ela geme. O gargalo quebrado cai no chão. Ela cai de joelhos. Ele a pega no colo, uma figura inerte, e a leva para a cama. Ouve-se a todo o volume o trompete, intenso, sensual, apaixonado, e a bateria que tocam no Four Deouces.*] (WILLIAMS, 2010, p. 143)

Aqui nota-se a violência de Stanley e fica explícito um estupro, Blanche não aguenta e enlouquece de uma vez. Sua irmã, influenciada pelo marido, vê apenas a opção de interná-la em um manicômio. Até o momento em que a ambulância vem buscá-la, Blanche ainda ilude-se em seu mundo de fracasso e mentiras achando que um cavalheiro vem buscá-la:

> Eunice [*voltando, com grande animação*] – Chegou alguém perguntando pela Blanche.
> Blanche – Então é mesmo pra mim! [*Olha amedrontada de uma porta para outra e então olha para os reposteiros. A varsoviana toca bem baixinho*] É o cavalheiro que eu estava esperando de Dallas?
> Eunice – Acho que sim, Blanche.
> Blanche – Eu ainda não estou bem pronta.

> Stella – Peça a ele Para esperar lá fora.

No entanto, quando Blanche percebe que não é quem ela esperava e sente a presença do médico e da enfermeira, reluta em se deixar ir:

> Blanche [*recuando em pânico*] – Eu não a conheço...eu não a conheço. Quero que me deixem... em paz... por favor!
> Enfermeira – Ora, Blanche! (WILLIAMS, 2010, p. 154).

Nossa heroína é bastante problemática, toma decisões erradas em sua vida e, por isso, o motivo de tanto sofrimento, tanta infelicidade que acaba levando-a a loucura e se entregando ao fracasso, sendo empurrada para um manicômio. Blanche sempre viveu uma vida de ilusões, embora ela fosse relutante. O manicômio foi à única solução para seus problemas, pois ali ela poderia viver em seu mundo de ilusões. Antes de ir diz: "Seja você quem for... eu sempre dependi da bondade de estranhos." (WILLIAMS, 2010, p. 156). Sem opção, Blanche deixa-se levar, pois o médico trata-a com cavalheirismo, incitando-a a ir para um mundo onde suas fantasias continuariam.

CONCLUSÃO

Com a análise da obra "Um bonde chamado desejo" mostrar a figura do heroi trágico moderno, o qual é bem representado por Blanche DuBois, nossa protagonista. Para isso foi necessário fazer um levantamento teórico que permitiu identificar o personagem e suas individualidades, além da análise mais específica dos tipos de herois mais comuns na literatura, focando nos herois trágico, épico e trágico moderno.

A caracterização de Blanche DuBois, a protagonista da história, como heroína trágica moderna nos revelou uma mulher que vive num mundo rodeado de tristezas, maldades, medos, erros e isso tudo faz com que ela sofra bastante por não saber encarar sua própria realidade e viver num mundo de fantasias e incompreensões. Blanche construiu um mundo para si em que há sonhos impossíveis dentro de sua verdadeira realidade, sonhos esses que acabam levando-a à loucura. A definição dada ao heroi trágico clássico não se enquadra com as características de nossa heroína, visto que ela mesma faz suas escolhas erradas, ela falha e

não por força do destino, mas por força própria e, cai no fracasso, sendo, assim, uma heroína trágica moderna, desajustada, que vive num mundo problemático.

Blanche, heroína moderna, vive um conflito interior que se institui entre indivíduo e seu papel dentro da sociedade, tudo isso a torna vítima de suas próprias atuações, pois ela não consegue se realizar dentro do que a sociedade esperava. Esta heroína passa a viver de fantasias, recordando algumas vezes de seu passado em que pouco tempo pode sentir o que considerava felicidade e que há muito se transformou em total sofrimento, e a única maneira de resolver seus conflitos, tanto para sua irmã quanto para ela, já à beira da loucura, é ser levada para o manicômio.

Este trabalho mostrou a caracterização do heroi trágico moderno na peça "Um bonde chamado Desejo", de Tennessee Williams, mas muito ainda pode ser trabalhado em relação a este drama que relata de forma tão clara as contradições e os conflitos do homem moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da Literatura. 4. ed. Vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

CANDIDO, Antônio A personagem de Ficção**.** In: CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de Ficção** São Paulo: Perspectiva, 1972.

FEHÉR, Ferenc. **O Romance está morrendo?** Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972.

FEIJÓ, Cezar Martin, **O que é o heroi**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HIGH, Peter. **An outline of American literature**. New York: Longman, 2002.

KOTHE, Flávio. **O Heroi.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ROBBE-GRILET, Alain. **Por um Novo Romance**. Trad. Cristóvão Santos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

TADIÉ, Jean Yes. **A crítica literária no século XX.** Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. et all. **Teoria da literatura - Formalistas russos**. Trad. de Ana M. R. Filipouski. Porto Alegre: Globo, 1973.

WILLIAMS, Tennessee. **Um bonde chamado Desejo.** Trad. Beatriz Viégas-Faria. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2010